

RENI ADRIANO

Confiar
no texto



Habitar
os livros

BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

ecofuturo



ecofuturo

FICHA TÉCNICA

Organização: Instituto Ecofuturo

Texto: Reni Adriano

Direção: Christine Castilho Fontelles

Projeto Biblioteca Comunitária: Daniele

Juaçaba e Vanessa de Jesus Espindola

Conteúdo: Palmira Petrocelli Nascimento e Érika Hobo

Comunicação: Marina Franciulli Santos

Projeto Gráfico: Laika Design

Ilustração capa: Laika Design

Edição do texto: Maria Cláudia Baima

Revisão: Vanessa Ferrer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Batista, Reni Adriano

Confiar no texto, habitar os livros : boas práticas de leitura em bibliotecas comunitárias / Reni Adriano Batista. -- São Paulo : Instituto Ecofuturo, 2014.

Bibliografia.

1. Bibliotecas e comunidade 2. Bibliotecas e educação 3. Hábitos de leitura 4. Leitores 5. Livros e leitura I. Título.

14-11925

CDD-021.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Práticas de leitura em bibliotecas comunitárias 021.2



05

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

“...é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciado desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa.”
(Tzvetan Todorov)

Introdução

Confie no texto. Você já o leu, ele te tocou, te emocionou, te fez rir, trouxe à tona memórias e palavras surpreendentemente novas que você abrigava, muitas vezes sem saber. Lendo o texto, você leu um pouco mais sobre você. E, como tudo que é belo e bom, pede para ser compartilhado. Dizia o grande escritor Bartolomeu Campos de Queirós que a **BELEZA É UMA COISA QUE A GENTE NÃO DÁ CONTA DE VER SOZINHO**; é aquilo que, quando experimentamos, dizemos: *fulano precisava estar aqui para ver isso!* “É extremamente triste estar sozinho quando se encontra a beleza”, escreveu Queirós.

Se é assim, você resolveu reunir muitas pessoas para verem algo bonito. Portanto, o texto é potente e por experiência própria, experiência leitora, você sabe disso. Está aí um excelente critério para escolha do que propor para os outros lerem. Lembre de ‘você leitor’ ou de ‘você leitora’, quando pensar no texto a ser lido em grupo.

Confiando no texto, sabendo da potência dele, não precisamos nos preocupar em ser “super-heróis”, encarregados das mais incríveis peripécias para simplesmente dar de ler. Quem ‘trabalha o leitor’ não somos nós, mediadores, mas o próprio texto. Texto e leitor trabalham secretamente, no mais íntimo de si mesmos, e tudo o que nos cabe fazer é, exatamente, a mediação: pôr as pessoas em contato com a literatura. Uma vez feito isso, literatura e leitores ‘trabalham sozinhos’. O texto dispara no leitor um trabalho interior que escapa — e é bom que escape mesmo — ao nosso controle. Não damos de ler para controlar; damos de ler para disparar esses segredos e múltiplos sentidos. Damos de ler para que os outros, lendo, se surpreendam consigo mesmos. Confiando no texto, confiamos também nos leitores: quando uma pessoa e um texto se encontram, começa secretamente, no mais íntimo de cada um, o formidável trabalho de descobertas e recriações de si mesmos.

Se o texto é potente e o nosso trabalho é mediar encontros de pessoas com livros, foquemos nisso: na relação entre leitores e texto. O resto é acessório. Quando nos ocupamos demais com dinâmicas mirabolantes e outros recursos, talvez estejamos confiando pouco no poder da leitura, na potência dos livros. Esquecendo, talvez, da própria experiên-

cia como leitores que somos.

Criatividade é fundamental, quando o assunto é promover leituras públicas. Mas nenhuma criatividade se sustenta se não for a favor do mais simples, da própria razão de estarmos aqui falando de livros: o encontro entre o leitor e a palavra literária.

De 2009 a 2012, através dos trabalhos desenvolvidos junto ao Instituto Ecofuturo, tive a oportunidade de conhecer as ações de leitura promovidas por profissionais das **Bibliotecas Comunitárias do Programa Ler é Preciso** de todas as regiões do país, em 11 Estados brasileiros. Algumas vezes ousadas, outras vezes surpreendentemente inventivas, as ações mereceram destaque não pelo que pudessem ter de exóticas, nem por mera “invençioneira” delas. Tornaram-se, para nós, exemplares, por primarem, acima de tudo, pelo respeito à relação leitora, pelo encontro entre pessoas e livros. Guardadas as condições básicas para a relação amorosa que é a leitura literária, foram criativas ao criarem formas de atrair as pessoas para os livros ou levarem os livros onde estavam as pessoas, resignificando os espaços públicos, promovendo encontros de diversidades. Uma vez reunidas, a leitura então acontecia.

São algumas dessas boas práticas de leitura promovidas por esses profissionais de biblioteca que reunimos nesta pequena publicação. Passíveis de serem aplicadas ou adaptadas a diferentes contextos, são belas e inspiram. Portanto, não são — nunca — um dever ser; são sempre um poder ser, são formas possíveis.



09

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

“ Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela [a literatura] permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. ”
(Tzvetan Todorov)

Habitar os livros e mudar com eles nossas formas de habitar

A antropóloga francesa Michèle Petit, especialista em práticas de leitura em contextos de crise, narra uma experiência formidável. Uma cuidadora de crianças traumatizadas, em uma região devastada por guerrilhas, lia livros sobre os índios de um continente muito distante, para as crianças de um abrigo. Lá pelas tantas, os pequenos inventaram de transformar o espaço que os abrigava em uma grande cabana indígena, repleta de animais nunca vistos e plantas extraordinárias. Através da leitura, *habitadas pelas narrativas do livro*, tornaram

10

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO



Biblioteca Comunitária Ler é Preciso De Joselândia. Acervo Ecofuturo

a sua própria morada mais habitável, de modo a não se poder mais dizer se elas é que moravam no livro ou se os livros é que moravam nelas. De repente, o mundo, muito além de suportável, tornou-se 'mais possível', moldável pela força dos desejos, encantado, artístico.

Então, embora à primeira vista pareça inusitado, é perfeitamente compreensível por que a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Joselândia/MA**, começou o seu projeto convidando os alunos para dormirem entre os livros. No dia seguinte, ao despertarem em meio ao acervo, tomaram ali mesmo, juntos, o café da manhã. Mais tarde, habitando-habitados de livros, pegaram esses objetos e saíram pelas ruas com a missão de surpreender os passantes, modificando a pracinha de todos os dias. Ali fizeram brotar livros pelas árvores, e junto delas compuseram o **ESPAÇO DE LEITURA MENINO MALUQUINHO**, com uma bruxa e seu caldeirão de histórias para serem lidas. E nestes tempos em que celebridades impõem suas

11

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO



controversas imagens nos espaços públicos, ali, o que os transeuntes encontraram foram os inusitados *Garoto e Miss Ler é Preciso*.

Essa apropriação simbólica da praça como espaço de sociabilidade, potencializada pelo encontro de leitores e livros, atingiu a plenitude com leituras públicas oferecidas aos passantes e às crianças e adolescentes das escolas do entorno.

Espaço de encontros por excelência entre as diferentes gentes e as histórias que a vida de cada um carrega, o significado de uma biblioteca pública não se restringe aos limites da sua ocupação física, mas dialoga todo o tempo com a cidade, qualificando os encontros dos que nela vivem e dela participam. Uma vez que os profissionais das bibliotecas aqui abordadas estavam cientes disso, tornaram-se recorrentes ações de leitura espalhadas pelos espaços públicos.

Outras ressignificações dos espaços

A **Biblioteca Comunitária de Rui Barbosa/BA**, fez com que, num belo dia, os moradores se deparassem com uma **ESPAÇONAVE DA LEITURA**, toda coberta de textos, em plena praça central. Ali foram montados estandes de livros, separados por indicações etárias, onde aconteceram as ações de leitura pública, além de palestras ministradas por escritores locais.

Os funcionários dessa Biblioteca não esqueceram nem mesmo daquelas pessoas quase sempre pouco visitadas, que quase nunca podem 'viajar'. Rumaram para o asilo local e, ali, crianças, pais e avós se juntaram para resgatar as histórias vivenciadas pelos moradores mais antigos da cidade.

E nessa articulação com asilos, creches, escolas e artistas locais, promoveram ainda uma caminhada pelas ruas de Rui Barbosa, convidando comunidades do entorno para as atividades da Biblioteca.

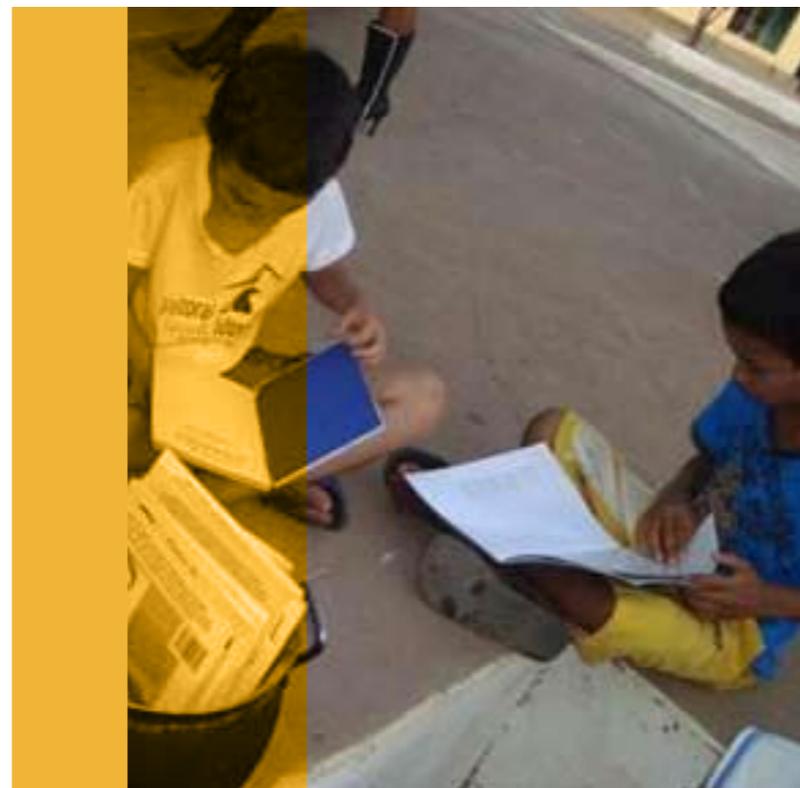
Às vezes, o sucesso é tanto e as ações são realizadas com tanta frequência que a expectativa da população é que isso se torne parte do calendário oficial de eventos da cidade. Foi o que aconteceu com a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Lagoa do Carro/PE**. Primeiro as pessoas aprenderam a namorar os livros nas praças públicas, para depois namorá-los na Biblioteca. 25 voluntários, entre alunos e ex-alunos da Escola Francisco Siqueira, parceira nessa iniciativa, saíram às ruas com mais de 40 livros – cordel, literatura infanto-juvenil e poesia – para serem lidos. Pelo público e para o público.

Muitas vezes, o primeiro encontro de alguém com os livros começava pelo simples fato destes estarem ao alcance das mãos. Talvez não para serem lidos num primeiro contato, mas para serem simplesmente manuseados! Isso prova que a leitura passa também pela experiência de um 'outro espaço' e, muitas vezes, pela experiência dos sentidos. Quem nunca deu uma passadinha no sebo¹ só para... cheirar os livros?...

A equipe da **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Arcoverde/PE**, sentiu a mesma necessidade e os **LIVROS FORAM TRANSPORTADOS PARA A PRAÇA**, onde foram abrigados em tendas, mesas, baús, tapetes e 'varais literários' ao alcance de todos, a maioria crianças de 7 a 11 anos de idade. Paralelamente a essas ações, a equipe firmava parcerias com professores e escolas locais, a fim de estabelecerem uma programação rotineira de leitura literária.

Outra forma de apropriação do espaço aparece no caso dessa Biblioteca: se em algumas ocasiões a biblioteca vai até o seu público potencial, outras vezes a

1. LUGAR ONDE SE VENDEM LIVROS USADOS.



grande sacada está em dar condições ao público para se deslocar para além dos limites de seu bairro residencial e alcançar as ações da biblioteca em regiões centrais. Deslocando-se de seus lugares habituais, as pessoas também podem *ler a cidade* e se apropriar dela, ocupando legitimamente esses espaços. Nesse contexto é que estudantes da zona rural também foram recepcionados nos eventos públicos dessa Biblioteca, além de visitarem o prédio da instituição, entrando em contato com o restante do acervo.

Uma biblioteca cujas ações permitem às pessoas saírem do confinamento (seja concreto ou simbólico) a que muitas vezes estão habituadas, expande em proporções desmesuradas o significado de estar onde o povo está.



17

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

“ Talvez o ideal fosse captar a atualidade como o rumor do lado de fora da janela, que nos adverte dos engarrafamentos e das mudanças do tempo, enquanto acompanhamos o discurso dos clássicos, que soa claro e articulado no interior da casa. Mas já é suficiente que a maioria perceba a presença dos clássicos como um reboar distante, fora do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume. ”
(Italo Calvino)

Onde o povo está?

Há encontros que só são possíveis nas bibliotecas. Ou por intermédio delas. Mesmo quando os bibliotecários vão para a rua, estão cumprindo a missão primeira do seu ofício: o encontro entre gentes mediado pela palavra elaborada, pela palavra liberta da utilidade ou da mera comunicação: a palavra como potência dos afetos constantemente

resignificados, elaborados, inventados — a palavra que não é mais um *dever ser*, porque já é palavra do *tudo é possível*. A palavra libertária que, quando tudo insiste em se fazer impossível, ela diz no íntimo de nós mesmos: *eu te invento!*

A biblioteca — a partir do espaço físico que ocupa — é um lugar estático e, ao mesmo tempo — pelo valor simbólico que mobiliza —, em constante deslocamento. Se viva, uma biblioteca é, por sua própria natureza, um lugar constantemente resignificado.

Mas nem sempre as pessoas para quem os livros são feitos — ou seja, todas as pessoas de todos os lugares do mundo — alguma vez na vida entraram em uma biblioteca. Muitas pensam, inclusive, que esse negócio de livro não é para elas. E não é sem razão. A imagem idealizada, quase um clichê no nosso imaginário coletivo, de um leitor solitário, num sofá aconchegante de sua ampla sala, ou à luz de uma bela luminária no seu quarto individual, sabemos, não é uma realidade para a maioria das pessoas. Muitas não têm a menor privacidade, a menor possibilidade de entrar em contato consigo mesmas. Muitas não sabem nem o que é o silêncio. “*E o senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais*”, escreveu Guimarães Rosa.

Para que todos tenham o direito de experimentar o **SILÊNCIO MELODIOSO** do contato intenso com os livros é preciso que cada um tenha a chance de encontrar uma biblioteca no meio do caminho. Às vezes, concretamente, com seu espaço físico, seu prédio; outras vezes, emergindo de gestos leitores em pleno espaço público. Nenhuma das formas anula

a outra. São, antes, complementares. Se muitas vezes as bibliotecas precisam ir onde o povo está, é para que as pessoas possam descobrir que este é um lugar de estar das pessoas. E elas descobrem, se mostramos isso.

Às vezes, a pessoa pode ser um professor. Foi com os docentes que a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Itapirapuã Paulista/SP**, começou o seu dedinho de prosa, quando um psicólogo voluntário palestrou sobre a importância da leitura no cotidiano das crianças. Conversa vai, conversa vem, de repente as crianças inventaram uma **CAMINHADA LITERÁRIA**, que ganhou a adesão de toda a comunidade: saíram pelas ruas, com cartazes e livros, cantando músicas que falavam de leitura. E entre uma leitura e outra, um ponto, uma prosa, de repente as costureiras da comunidade já estavam confeccionando uma colcha de retalhos com pinturas dos moradores da vizinhança. “Tecer” e “texto” são palavras de mesma raiz etimológica², mas não é preciso *saber* disso para elaborar essas sociabilidades: o próprio tempo da fabulação, das histórias, da música das palavras, nos leva, pelo inconsciente, às nossas longínquas origens — tudo acontecendo e se reinventando entre um bordado e outro, um arremate, um atavio.

Outras vezes, as pessoas — algumas daquelas para quem todos os livros foram escritos — não podem sair de onde estão, condenadas a um lugar. Às vezes simbólica, às vezes literalmente, numa prisão. Nesses casos, algumas bibliotecas decidem viajar.

2. ETIMOLOGIA É O ESTUDO DA ORIGEM E DA EVOLUÇÃO DAS PALAVRAS.



Bibliotecas que viajam

Fazendo jus ao nome do projeto **COM AS MÃOS NAS PÁGINAS**, a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Camocim de São Félix/PE**, fez um trabalho de corpo inteiro. Conseguiu a proeza de dar de ler a cerca de 4 mil pessoas – o equivalente a um quarto da população total da cidade. Os preparativos se deram ao longo de seis meses, com palestras sobre a diferença entre ler e contar histórias, e oficinas de mediação de leitura que qualificou 110 voluntários. Com esse grupo de colaboradores, prepararam um acervo itinerante e ofereceram leitura a pessoas dos mais variados lugares: escolas rurais, abrigos para crianças e adolescentes, cadeia pública e hospitais. A rádio comunitária, que a princípio iria apenas divulgar a programação da Biblioteca, passou a veicular, periodicamente, a música “Brincar de ler”, do grupo Palavra Cantada e a oferecer leituras públicas, ao vivo, para toda a comunidade. Após uma semana de evento, 200 novos leitores tornaram-se usuários da Biblioteca – ou 200 novos usuários tornaram-se leitores.

Algo parecido foi experimentado pela **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Alagoinhas/BA**. As rodas de leitura extrapolaram o espaço físico da Biblioteca, passando por escolas, igrejas e residências familiares. A sintonia entre biblioteca e comunidade possibilitou que algumas ações fossem desenvolvidas em bairros afastados. Uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) ofereceu leitura para grupos de surdos, enquanto outros intérpretes estiveram presentes nas demais atividades, amplamente inclusivas e focadas em leitura literária.

Talvez a proeza mais extraordinária das bibliotecas que viajam por aí é que, quando chegam onde quer que seja, tornam o lugar em que chegaram em uma espécie de biblioteca. Como uma célula extraordinária que se reproduz por si mesma. Um tiquinho de acervo — de qualidade, claro — que se desloca já é o bastante para se dar tal proeza.

Assim é que a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Turmalina/MG**, atravessou todas as portas: da penitenciária, das escolas, da rádio comunitária, das casas das famílias e até da igreja — em plena missa! **DESSE MODO, A LEITURA FOI OFERECIDA, EM MAIS DE 30 AÇÕES, PARA A METADE DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO**. As oficinas **O ESCRITOR NA BIBLIOTECA**, realizadas quinzenalmente a fim de atualizar o conhecimento sobre literatura, fizeram tanto sucesso que algumas escolas da comunidade adotaram-nas em caráter permanente.

Também a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Aimorés/MG**, saiu de mala e cuia, com um acervo considerável, em busca de todo tipo de leitor. Neste caso, a ideia é parte de um projeto mais amplo: pretendem levar a leitura literária aos mais diversos

espaços e registrar as ações em um documentário, colhendo dados sobre o ato da leitura de literatura e a formação de leitores em escolas públicas, hospitais, asilos, presídios, etc. Com duas malas abarrotadas de livros cuidadosamente selecionados, a equipe percorreu o Parque Botânico, o Hospital Municipal, a APAE, o asilo e o Centro Municipal de Educação Infantil.

Como fazem?

NUNCA É DA NOITE PARA O DIA. Requer preparos. Muitas bibliotecas, de olho no calendário cívico, aproveitam que determinadas datas especiais estão povoando a mente do coletivo e preparam, estrategicamente, intervenções temáticas. **TUDO DIA É DIA DE LER**, sabemos, mas, para começar, esse pode ser um bom ponto de partida. As ações comentadas aqui, por exemplo, surgiram das comemorações do **DIA NACIONAL DA LEITURA, QUE, DESDE 2009, É OFICIALMENTE CELEBRADO EM 12 DE OU-**

TUDO DIA
É DIA
DE LER

TUBRO. A data, resultado de uma mobilização nacional do Instituto Ecofuturo desde 2006, tem o objetivo de **ASSOCIAR A OFERTA DE LEITURA A TODAS AS FORMAS DE CUIDADO DA INFÂNCIA.** É uma boa ocasião para as bibliotecas se ocuparem de ações que podem se desenrolar ao longo do ano, com as diferentes questões aí implicadas, como, por exemplo, **ABRIR SUAS PORTAS AOS FERIADOS.**

E por falar em ocasiões especiais, algumas bibliotecas, atentas às mobilizações nas esferas municipais para a eleição de prefeitos e vereadores em 2012, aproveitaram para sondar possíveis candidatos comprometidos com políticas de livro, leitura e biblioteca. Foi em 2012, por exemplo, que a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Turmalina/MG,** criou a **ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA,** com o intuito de promover e fortalecer as conexões entre biblioteca e comunidade, promover a gestão democrática e solidificar as parcerias com escolas, a fim de desenvolverem um projeto pedagógico completo e integrado. Formalizada a Associação, os profissionais se reuniram com vereadores e candidatos daquele pleito para tratarem de políticas públicas em prol da leitura, manutenção das bibliotecas do município e atividades culturais, sustentando a criação de uma cultura leitora na cooperação entre comunidade e poder público.

E para exemplificar com um caso notável de planejamento, parcerias civis e institucionais que culminaram na consolidação de um projeto completo, ao final de um percurso cuidadoso e colaborativo, vale nos determos um pouco no caso da **Biblioteca Comunitária Ler é**

Preciso de Bezerros/PE. Um projeto desenvolvido ao longo de três anos, aperfeiçoado de um ano ao outro, até atingir a excelência na oferta de leitura literária.

Na primeira edição do projeto **VIAJANDO NAS ASAS DA LEITURA,** em 2010, as atividades de leitura se espalharam pela cidade durante todo o mês de outubro. E o público de 1.500 pessoas alcançadas, o mais diversificado: crianças, jovens, adultos, idosos, dependentes químicos... Nas praças, nas creches, nas entidades de erradicação do trabalho infantil, em asilos, escolas, em todos os lugares, a leitura acontecia. Como dar de ler é algo que pode se multiplicar, a Biblioteca ofereceu uma oficina sobre a **TÉCNICA DE LEITURA DO ROSTO ESCONDIDO**³ para professores e alunos da rede pública.

No ano seguinte, 2011, a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Bezerros/PE** retomou o mesmo projeto, e com ainda mais fôlego, atingindo a excelência em todos os quesitos. Dessa vez, as ações de leitura aconteceram o ano inteiro, tendo sido intensificadas na **SEMANA NACIONAL DA LEITURA E LITERATURA** – a semana que compreende o dia 12 de outubro. **E COMO LEITURA É DESDE O BERÇO, DESDE O VENTRE, DESDE SEMPRE, UMA OFICINA FOI ELABORADA ESPECIALMENTE PARA AS GESTANTES DA COMUNIDADE.** Como no ano anterior, mas dessa vez com alcance ainda maior, as

3. TÉCNICA CRIADA PELA *LA VOIE DES LIVRES*, GRUPO DE LEITORES PÚBLICOS DA FRANÇA, EM QUE O PROMOTOR DE LEITURA FICA COM O LIVRO ABERTO E VOLTADO PARA A PLATEIA, ESCONDENDO O ROSTO E DESTACANDO O TEXTO E AS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO. EM 2006, DURANTE A PRIMAVERA LER É PRECISO, O ECOFUTURO OS TROUXE AO BRASIL PARA COMPARTILHAR A IMPORTÂNCIA DE REALIZAR LEITURAS EM DIVERSOS ESPAÇOS PÚBLICOS. ESSA EXPERIÊNCIA RESULTOU NA PUBLICAÇÃO DO ROTEIRO DE LEITURAS PÚBLICAS, COM DICAS SOBRE COMO PROMOVER LEITURAS EM DIFERENTES CONTEXTOS PARA PÚBLICOS DIVERSOS. ACESSO GRATUITO NO LINK WWW.ECOFUTURO.ORG.BR



Acervo Ecofuturo

atividades extrapolaram o espaço físico da biblioteca, brotando em mais de duas dezenas de instituições de ensino, entre públicas e privadas, creches, asilos, abrigos de dependentes químicos, hospitais, feiras livres, shopping e praças.

MAS COMO?

Com ampla articulação, desde o primeiro ano. Em 2012, por exemplo, estudantes das

escolas parceiras se engajaram numa **GINCANA LEITORA**, protagonizando a execução de projetos como multiplicadores de leitura na comunidade e junto às famílias. O primeiro passo foi a seleção cuidadosa do acervo da biblioteca, para que estivesse de acordo com cada público. Os livros foram disponibilizados em estantes, tapetes, mesas e esteiras, conforme as condições de cada local, muitos deles desbravados por uma biblioteca itinerante elaborada especialmente para a ocasião. Gestantes, bebês, crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas hospitalizadas ou enfermas em suas residências, dependentes químicos, cadeirantes, deficientes visuais, educadores, estudantes, agricultores e feirantes, entre outros, compõem o amplo público. Foram 8 mil pessoas que **BEZERROS**, município de 50 mil habitantes, mobilizou na ocasião, pondo em marcha **UM PROJETO COMPROMISSADO COM A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA LEITORA DESDE O VENTRE MATERNO**.

Para dar conta da intensa programação, que visava contribuir para a efetividade de ações locais focadas na formação leitora da população, houve uma **SÓLIDA ARTICULAÇÃO COM PARCEIROS DE DIVERSOS SETORES**: gestores de escolas públicas e privadas, creches, coordenadores pedagógicos, coordenadores de bibliotecas, representantes das Secretarias Municipais de Educação, Ação Social, Juventude, Turismo e Saúde, CRAS — Centro de Referência de Assistência Social, MALB — Movimento Artístico e Literário de Bezerros, ACEMA — Associação Comitê de Ecologia e Meio Ambiente, ALAOMPE — Academia de Letras, Artes e Ofícios Municipais de Pernambuco, CDL — Câmara de Dirigentes e Lojistas (administradora do Shopping de Bezerros), Casa dos Conselhos Municipais, deficientes visuais e cadeirantes.

28

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

“ LER, LER, LER, VIVER A VIDA
QUE OUTROS SONHARAM.
LER, LER, LER, A ALMA ESQUECE
AS COISAS QUE PASSARAM.
FICAM AS QUE FICAM, AS FICÇÕES,
AS FLORES NASCIDAS DA PLUMA.
AS ONDAS, AS HUMANAS EMOÇÕES,
O DECANTAR DA ESPUMA.
LER, LER, LER; SEREI LEITURA
AMANHÃ COMO SOU?
SEREI MEU CRIADOR, MINHA CRIATURA,
SEREI O QUE PASSOU?”
(MIGUEL DE UNAMUNO) ”

E como leem?

Existem muitas formas de ler. Não sei se você me perguntou, mas, em se tratando de leitura pública, eu pratico basicamente duas. Falarei sobre elas daqui a pouco e, brincadeira à parte, o que quero destacar é que, mais importante do que perguntar “como é que faz?” ou “como eu tenho que fazer?”, o que no fundo conta mais é “como é que você faz?” ou “como é que você fez?” — em suma, a **TROCA DE EXPERIÊNCIAS**.

Dizem que o poeta João Cabral de Melo Neto detestava música. Justo ele, cujo poetizar é um enorme canto. Mas arrisco dizer que era exatamente por isso: a música dos poemas lhe bastava. E estou pensando em João Cabral porque tenho uma enorme dificuldade

29

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO



Acervo Ecofuturo

em fazer leitura pública com música ao fundo. Além de me desconcentrar terrivelmente — e quando me desconcentra, me irrita —, acho invasivo, justamente porque a palavra literária tem seu ritmo próprio, melodia, música, e até dança. Não consigo. Mas conheço pessoas que conseguem, e o fazem de modo belíssimo. Era aqui que eu queria chegar: não se trata de um como se deve fazer; trata-se de um como eu fiz ou faço, um como você faz ou fez; ideias, trocas para experimentarmos. Uma hora cada um acha o seu caminho.

A verdade é que, tantos anos fazendo isso, eu ainda estou achando o meu. No momento em que escrevo estas linhas, por exemplo, estou me preparando para a realização de uma modalidade de leitura que ainda não experimentei: leitura com paisagem sonora. A proposta é de um grupo de teatro e, embora seja uma leitura para todos, a ideia está centrada numa **Biblioteca de Diadema/SP**, com foco em leitores com deficiência visual. Estamos testando, estou aprendendo. Sobre isso, um dia, terei o que contar.

Ainda hoje costumo gravar uma ou outra leitura minha, para avaliar mais tarde. Quando estou mediando rodas de leitura em que há espaço para a discussão, às vezes também gravo. Ouvindo, mais tarde, percebo onde fui habilidoso na escuta do outro e na valorização da sua palavra. Outras vezes também descubro qual foi o exato momento em que perdi a chance de ter ficado calado... Houve situações nas quais eu achava que estava ouvindo realmente o outro, mas não estava.

Vale aquilo que falávamos no começo: confie no texto e na sua experiência leitora.

E conte também com isso: **QUANDO AS PESSOAS VÃO A ALGUM LUGAR PARA OUVIR OU LER, ELAS QUEREM OUVIR E QUEREM LER MESMO!** Às vezes, havendo oportunidade, querem falar também. Ouvir história dá vontade de contar, quando não a de silenciar, de cantar, dançar. Seja lá o que for isso que dá, é uma relação em que as pessoas precisam estar à vontade. Teimo que **O PONTO DE PARTIDA DE QUALQUER LEITURA É A HOSPITALIDADE — E O PONTO DE CHEGADA TAMBÉM;** a diferença é que, quando chegamos, já estamos modificados, porque alguma coisa aconteceu, *algo* se passou naquele instante de intensidade.

Mas, por mais variadas que sejam as formas de leitura, todas convergem para — ou partem de — um denominador comum: tem de ler. O essencial é que chega uma hora em que **O QUE CONTA É A PURA RELAÇÃO ENTRE LEITOR E TEXTO, E É SÓ.** E esse só é o TUDO. Você ali no meio: mediando. Não adianta plantar bananeira para chamar a atenção dos outros, não adianta fazer pirotecnias incríveis, nem se esforçar para ser engraçado. Sim, você pode ser engraçado, não estou dizendo que devemos nos apresentar com rosto carrancudo e o corpo encurvado *sob o peso do conhecimento*. Seja engraçado, se é esse o seu jeito de entrar em contato com o outro, se é essa a sua forma de estar no mundo. Só estou falando daquelas situações nas quais as pessoas ‘forçam a barra’, você sabe.

Dos projetos de leitura empreendidos pelas bibliotecas que mencionamos ao longo deste livro, gostaria de debruçar-me mais sobre cada um deles. Saber das histórias que podem ser contadas desses encontros, das surpresas, das emoções, dos risos, enfim, das



intensidades postas em movimento quando do encontro dessas pessoas com os livros. O que aconteceu quando entraram naquela tenda armada na praça? O que se passou diante do caldeirão de livros? Os olhos de um preso brilharam durante a leitura na penitenciária? Quais as memórias que vieram à tona nos asilos? Enfim, seria um projeto para um outro — e provavelmente longo — livro.

É justamente isso o que a **Biblioteca Comunitária Ler é Preciso de Aimorés/MG**, tem intencionado, conforme mencionamos, ao levar leitura aos mais diferentes lugares e registrar esses impactos para um documentário futuro.

Quem quiser saber mais sobre esses projetos, ao final deste livro, listamos o contato e os nomes dos envolvidos. A prosa que iniciamos aqui pode ser continuada num possível telefonema, em um e-mail, uma carta, uma mensagem pelas mídias sociais, enfim.

Dicas e instruções sobre como promover leitura pública, desde as articulações com entidades parceiras à efetivação do evento, passando pelo preparo do suporte de leitura e cuidados com a voz, você encontra na publicação *Roteiro de Leitura Pública* do Instituto Ecofuturo, que indicamos ao final deste livro, na seção de referências bibliográficas e sugestões de leitura.

De minha parte, gostaria de dizer algumas palavras sobre as modalidades de leitura pública que pratico. Uma vez que não estamos aqui para que eu diga como é que se faz, mas para, quem sabe, inspirar pessoas contando um pouco sobre *como eu fiz*.

Como eu disse, são basicamente duas as formas que pratico. E para me preparar para uma ou outra, me pergunto: vou ler para as pessoas ou vou propor que elas leiam comigo? Resolvido isso, preciso de um lugar silencioso e iluminado. Pessoas sentadas confortavelmente. Livros. Está montado o cenário para a leitura. Não existe leitura sem hospitalidade, e nossas melhores lembranças de leitores confirmam isso.



Quando leio para as pessoas

A formadora de leitores públicos Lucila Pastorello define a leitura para o outro com essa imagem exemplar: um triângulo amoroso entre o que lê, o que escuta e o livro.

Nessa modalidade de leitura, embora o enredo da história seja o foco principal, uma vez que é o que sustenta a atenção do público diante do leitor, a forma como a história foi contada é igualmente relevante e cabe ao leitor respeitar cada palavra, do jeitinho que o autor a escreveu. Diferente da contação de histórias, que tem muito do improvisado e das invenções de quem conta, aqui o livro está presente e cada palavra, cada vírgula e cada ponto traz a marca, não de quem lê, mas do autor do texto. O leitor empresta o corpo ao texto do outro; o texto do outro se apossa do corpo do leitor para atingir e fascinar o público.

Temos um bom exemplo. Qualquer um de nós pode dizer que, do alto de um voo de avião, as coisas aqui embaixo parecem tão minúsculas que um homem, um cavalo e um boi se tornam verdadeiras formiguinhas. Mas existe um outro jeito de dizer isso que só

pode ser dito por Guimarães Rosa. Veja só esta pérola do conto “As margens da Alegria”: “Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos?”.

Guimarães Rosa é exemplar porque, neste autor, mais do que em qualquer outro, a forma de dizer não se separa do que está sendo dito. Vejamos mais um trechinho do mesmo conto, quando o menino vê um peru pela primeira vez e acha aquele bicho a coisa mais deslumbrante do mundo, tomado por uma experiência arrebatadora que o iluminará pela vida inteira:

“O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão – brusco, rijo – se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de azul-claro, raro, de céu de sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto – o peru para sempre.”

Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam para passeio.”

Agora teste seus dotes de leitor público: leia o texto acima em voz alta. Capriche: movimente bem os lábios, sentindo cada movimento, abrindo bem a boca, articulando vagorosamente cada palavra, sentindo o movimento da língua, conforme a exigência de cada sílaba, atento à delícia da pronúncia e à sonoridade das palavras, especialmente em “empáfia”, “torneado”, “redondoso”, “entufou”, “ríspida grandeza tonitruante” e “abotoado grosso de bagas rubras”.

LEU? SENTIU UM NEGÓCIO ESTRANHO E MARAVILHOSO NO SEU CORPO? É isso o que você vai propiciar aos que te escutam como leitor público. É isto o que faz do seu trabalho um triângulo amoroso.

Quando as pessoas leem comigo

Nesta modalidade todos leem. É claro que ninguém é obrigado a fazê-lo. Tem gente que prefere, em público, escutar a leitura dos outros, e não é porque não quer ler que não está sendo contagiado pelo texto.

Mediador e participantes se acomodam em círculo. A disposição em círculos é importante, pois aí não há espaço privilegiado, todos podem se ver mutuamente, numa posição favorável às trocas. Cada integrante recebe cópias do texto a ser utilizado (ou livros, previamente selecionados pelo mediador). Um participante começa a ler um parágrafo em voz alta e passa a vez para o colega imediatamente próximo, para que leia o parágrafo seguinte, e assim por diante.

O mediador conduz as discussões, sugerindo, perguntando e, ao final da leitura, cada um é convidado a dizer o que mais o tocou, compartilhando as primeiras impressões com o grupo. Ressalte-se que, a qualquer momento, mesmo quando do andamento da leitura, há espaço para intervenções dos participantes, seja manifestando reação ao texto, seja levantando dúvidas. Todas as falas devem ser valorizadas, mesmo as aparentemente 'ingênuas'; a função do mediador é estender ao máximo seus significados, articulando-as com elementos do texto. Os participantes devem ser estimulados e encorajados à livre associação, a manifestar suas impressões sem receios; e o mediador tem o cuidado de



articulá-las com aspectos que, paulatinamente, vão se ampliando.

Ao final de cada encontro, cada participante é convidado a dizer qual o aspecto da discussão ou do texto que mais o fez pensar. Geralmente este é um ponto surpreendente, pois questões já levantadas podem emergir com formulações totalmente novas, além de se poder relembra o percurso que, partindo da leitura, fizemos até a formulação das ideias.

Ao final de cada encontro, lemos um poema, repetidas vezes, em várias vozes e tons, para que se apreendam a sonoridade, o ritmo, a musicalidade... Além disso, um poema é fácil de memorizar, propõe pausas, sutilezas, respiros.

Para terminarmos falando em livro

Gostaria de terminar este começo de prosa com um pequeno trecho de um longo relato que um dia hei de fazer sobre uma experiência de leitura com adolescentes no Rio de Janeiro. Em 2007, viajei de São Paulo para o Rio, com três colegas de trabalho e dez estudantes do ensino médio da rede estadual de ensino. A missão era, hospedados por dez dias numa casa na Região dos Lagos, desbravar o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Abaixo transcrevo um pedacinho de uma prosa apaixonada com esses meninos e meninas emocionados com a saga de Riobaldo e Diadorim.

Aqui deixo minha história, para que um outro a leve.

"Diadorim era mais do ódio do que do amor? Me lembro, lembro dele nessa hora, nesse dia, tão remarcado. Como foi que não tive um pressentimento? O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim... E tantos anos já se passaram."

JOÃO GUIMARÃES ROSA. GRANDE SERTÃO: VEREDAS





Tanto falamos de Otacília e Diadorim... Ninguém percebeu nada, nada, nada de estranho em relação a isso pelas páginas que temos discutido?...

Danila: "Ô se percebi...!".

Luana dá uma gargalhada de excitação e contentamento — o que de certa forma eu já esperava, uma vez que tenho visto ela e Danila pela casa, às voltas com seus livros, cochichando, apontando trechos, confirmando... Além do mais, foi Luana quem, em encontro anterior, teve seu instantezinho de euforia quando Fernanda e Diego divagavam em torno da Canção de Siruiz:

*Urubu é vila alta,
mais idosa do sertão:
padroeira, minha vida –
vim de lá, volto mais não...
Vim de lá, volto mais não?...*

*Corro os dias nesses verdes,
meu boi mocho baetão:
burití – água azulada,
carnaúba – sal do chão...*

*Remanso de rio largo,
viola da solidão:
quando vou p'ra dar batalha,
convido meu coração...*

Fernanda, propondo que era um chamado de Diadorim e Diego, intrigado com certa moça virgem reportada na canção, **UMA VEZ QUE A DEIXA PARA QUE O VAQUEIRO A CANTASSE ERA "SIRUIZ, CADÊ A VIRGEM?"**

Dessa vez vou dar corda. Mesmo porque, é um excerto gritante!

Danila está também eufórica e o grupo já entra em rebuliço, tanto estamos curiosos.

Franks: "Eu sei que elas estão tramando desde quarta-feira!". As duas têm sido vistas no quarto discutindo o segredo de Diadorim! Certa vez que me viram, fingi-me de desentendido enquanto as duas disfarçavam e escondiam caderninhos de anotações e um texto complementar que eu havia distribuído em São Paulo.

Fernanda, ainda ingênua: "Porque Diadorim saiu chorando... Será?!".

É um momento extremamente divertido.

Diego: "Reni, você não viu as duas no lago discutindo isso! No lago!".

Franks ameaça se levantar e encenar as duas colegas dentro d'água confabulando.

Danila: "Não é da Otacília que ele está falando, gente, é de Diadorim! A moça virgem!".

Luana disfarça sua desconfiança-certeza: "Ou não...".

Danila, "sonsa", faz eco: "Ou não!".

Franks: "Mas remete mesmo".

Vitor, confuso: "É... Dá esse sentido, né...".

Franks: "Dá um sentido duplo, mas ao mesmo tempo a gente sabe que Otacília

se casou com ele"...

A gente sabe que Otacília se casou com ele?!

Luana, para mim: "Sabe, porque você já falou!". Gargalha, enquanto fico pasmo. Confesso que falei demais! Lembro-me que, em encontro anterior, mesmo que para apoiar um outro tema, me referi a isso...

Riem.

O que os outros acham?

Vitor: "Eu não digo que Diadorim seja uma mulher, mas eu acho, pelo pressentimento, que ele morre, não é?".

Ora, que Diadorim morre o grupo já pressentiu há muito tempo... Agora, o que queremos especular é essa imagem de um corpo morto de uma moça virgem.

Filipe: "Você tinha falado que quando Diadorim ganhasse forma, seria uma surpresa para nós... No caso, a forma seria uma mulher morta?".

Brinco: "Que sei eu?! Se nem chegamos no final do livro!".

Franks: "Por enquanto, a imagem dessa virgem moça, pelos indícios que temos aqui até onde lemos, me remete muito àquele arquétipo de que estávamos falando: a virgem prometida seria toda pureza, uma coisa delicada...". Mas, logo Franks se atrapalha: "...desse amor... eu coloco como esse amor... da pureza desse amor... e que morta esfaqueada, assim, me remete muito a esse amor que se perdeu, esse amor que já morreu".



Luana socorre: "A gente conta a nossa [dela e da Danila] viagem?". Conta.

Luana: "Se Diadorim for uma mulher. A gente estava imaginando como ela desde cedo assumiu esse papel do filho homem que o pai dela nunca teve".

Danila: "Carece de ser diferente"...

Vitor, pasmo: "Olha só!"...

Luana: "Carece de ter coragem... Então, ela encarnou esse filho homem que o pai dela nunca teve, para ser menos rejeitada do que já foi. Porque ela foi rejeitada: morou com o tio tendo o pai vivo!".

Danila: "Por isso ela não é Diadorim nem Reinaldo, porque ela negou isso! Ela não reconhece seu próprio eu por isso"...

Franks: "Aaaaaai!!!".

Me divirto muito com a imaginação das duas.

Diego: "Isso explica por que Diadorim só toma banho à noite! Ele não queria mostrar o corpo".

Filipe: "Nooossa, meu!".

Luana gargalha tanto que é indescritível, excitadíssima com a cumplicidade dos colegas. Ela: "Quando a Danila começou com isso, eu falei: 'mas tem uma hora em que eles fazem a barba!'..."

Danila: "Vamos ver direito"...

Luana: "Peguei o livro e fui ler... Diadorim corta o cabelo, pega uma navalha e fala: 'Riobaldo, faça a barba'... Ela não faz a barba, quem faz é Riobaldo!". Ri mais.

Digo que eu também já passei por isso: voltar a esse episódio e me certificar de que Diadorim não fizera a barba...

Rimos.

Franks: "Carece de ser diferente"...

Diego: "Isso explica por que Diadorim promete a Riobaldo que depois da guerra eles poderiam viver juntos"...

Mirela: "Tá, gente! Tudo bem, eu também tive essa ideia de vocês; desde a discussão de ontem à noite eu já saquei alguma coisa assim... Mas, vocês falando que é uma

mulher renegada pelo pai e não sei o quê lá... Mas, e isso de ela ter que vingar?! Não sei, não consigo entender essa parte... Dá pra entender? Vocês dizem que ela foi renegada pelo pai por ser mulher, mas ela ainda quer se vingar, tem essa coisa maior para cumprir...”.

Luana: “Se ela não se importasse com esse pai, ficasse com raiva, ela não teria incorporado o Reinaldo”...

Diego: “E também, se ela não vingar o pai, os jagunços vão achar estranho...”.

Ora, nesse caso, ela poderia ir embora com Riobaldo. “E ninguém sabia”, diz, muito segura, Luana. Continua: “Se uma pessoa te rejeita e você, ressentido com isso, em troca rejeita essa pessoa...”.

Mas, calma, Luana: Está claro que ela (se é ela) acha Joca Ramiro um deus. Em nenhum momento há indícios de que ela se sinta rejeitada...

Silmara: “Ela?!”. Bem, Diadorim já virou “ela”, pelo menos a essa altura. E esse “ela” faz mesmo um ruído quase insuportável aos nossos ouvidos.

Vitor pede encarecidamente que voltemos a tratar o amigo neblina como O Diadorim — pelo amor de Deus!

Muito bem. Já viajamos bastante. Explico que eu poderia ter já falado qual é o segredo de Diadorim e isso de nenhum modo tiraria o prazer do romance. Se estive jogando com isso foi para aproveitar a ocasião de “brincar” com a matéria vertente: pode ser, pode não ser. E não direi se é ou não é!



Peço, no entanto, para não se apegarem tanto aos propósitos de Joca Ramiro, cujos desejos desconhecemos. Supondo que Diadorim seja mulher, não importa se Joca Ramiro quis ter ou não um filho, antes: se é uma filha, por que ela aceitou seguir guerreando em nome do pai, negando seus atributos femininos? Por quê? No mais, sendo homem ou mulher, por que Diadorim não pode se libertar da palavra paterna?

Franks: "Joca Ramiro não é aquele que quer trazer a justiça e a lealdade? Então, essa tese que vocês fizeram seria destruída agora, porque ele tem um olhar diferente para as coisas, ele já traz essa justiça, que ele começaria a trazer dentro de casa"...

Luana: "Mas tudo que a gente falou da justiça aqui mostrou o problema da ambiguidade..."

Diego concorda.

Acalmemo-nos.

Pergunto: Diego, Diadorim é mulher?

Diego: "Diadorim não é nem homem nem mulher"...

Ok, muito espertinha a saída do aluno, que apela para a complexidade do segredo, mas o que pergunto é sobre o que pode haver de mais "superficial", ou factível: "Diadorim teve que negar o corpo feminino?"

Diego: "Pelo que elas [Luana e Danila] falaram, eu acho que sim".

Silmara continua atônita.

Direciono a cada aluno a mesma pergunta dirigida a Diego.

Vitor: "Na-a-ão... Eu a...cho que não..."

Danila: "Sim".

Mirela: "Não sei".

Fernanda: "Para mim Diadorim é os dois, fundidos". Tudo bem, mas falando de modo puramente concreto...? Fernanda: "Sim... Não sei se ela passou por uma negação, se nasceu menina..."

Mirela: "Não sei se ela é mulher ou homem, só sei que ela negou alguma coisa". Ela, ela... "Ela, a personagem, gente! Eu não sei!". Rimos. "Porque, para mim, eu enxergo o Diadorim, Diadorim! Eu não consigo enxergar o Reinaldo junto com ele, é uma coisa à parte, é um jagunço... Diadorim, para mim, é só Diadorim, não tem..."

E não temos o direito de falar "ela" enquanto não o confirmarmos — consenso a que chegamos.

Carol: "É uma mulher, mas por excesso de amor pelo pai".

Luana: "É só para dizer sim ou não, não pode falar mais coisa?". Não. "É que eu queria falar que eu acho que é, mas que o segredo não é esse, eu acho que tem mais coisa..."

Filipe, falsa convicção: "Eu acho que ele é homem".

Nathan: "É uma mulher".

Franks, entre dentes: "É uma mulher".

Luana e Danila explicam que tudo começou com uns textos suplementares, extraídos do jornal O Estado de São Paulo em comemoração aos 50 anos de *Grande Sertão: Veredas*, que eu havia distribuído antes da viagem. De propósito, suprimi as passagens em que era diretamente citado o segredo de Diadorim, mas mantive pelo menos um trecho que, lido com atenção, parecia ambíguo ou absurdo sem a informação principal... Brinco que foi para testar se haviam lido mesmo.

Seja qual for o segredo, porém, ninguém quer saber, não querem que eu confirme nada!

Superemos esse “é ou não é”, proponho. Mas, Carol: “Espera aí: mas, se Diadorim é mulher, como ela consegue se manter desse jeito?!... Tão homem... E tão mulher!

Diego: “Mas será que não foi pela criação dele?”...

Nathan: “Não adianta discutir agora, porque vai verter a todo tempo...!”.

Rosana: “Pensando na dúvida do Diego: o que diferencia homem e mulher?”.

Diego: “A criação! A frieza de Diadorim vem de onde? Não interessa se ele é homem ou mulher: se for para ser frio, ele vai ser frio! Para ser corajoso, ele vai ser corajoso...”.

Seja Diadorim homem ou mulher, o fato é que a ele não importa sexualizar o corpo — nem como homem nem como mulher —, porque o que prevalece é a “regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem” **[O CELIBATO QUE O GUERREIRO SE IMPÕE PARA SE DEDICAR, ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE, À GUERRA]**, enquanto houver a guerra. A única coisa que para ele existe duran-

te essa guerra é guerrear. É por esse motivo que, por ora, não importa o sexo de Diadorim, desde que não percamos de vista que o que ele faz é negar toda forma de sexualidade.

Rosana: “Ele continua não tendo corpo!”.

Filipe pede para que eu leia mais uma vez a passagem pivô de tanta euforia. Peço para Luana ler, mas ela, tocada, prefere que eu o faça. Leio.

Filipe: “Quanto mais leio esse trecho, mais claro fica”.

Diego: “Digamos que Diadorim seja mulher: por isso se dá essa atração entre os dois, porque Riobaldo fala que ele, Riobaldo, era ‘homem de mulheres’. E é depois que isso passou que ele conta a estória”.

Tendemos a discordar. Ora, a forma como Diadorim se mostra, diferenciada ou não dos demais jagunços, é uma forma masculina.

Rosana: “Riobaldo tenta se desculpar o tempo inteiro pelo amor que ele sente por Diadorim”. Tanta é a preocupação de Riobaldo em ter sua “credibilidade sexual” assegurada perante o narrador, que podemos pensar que ele só conta e admite o amor por Diadorim por este amigo possivelmente ser uma mulher.

Com os corações aos pulos, tememos prosseguir, ao mesmo tempo em que só queremos prosseguir. E haveremos de seguir em dúvida até que Riobaldo resolva, por si mesmo, nos contar qual é o segredo de Diadorim.

Suspiramos. Prosseguimos.



56

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

57

CONFIAR NO TEXTO,
HABITAR OS LIVROS:
BOAS PRÁTICAS DE LEITURA
EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS
LER É PRECISO

Sugestões de leitura e referência bibliográfica: O que você gostaria de saber?

Quero observar e ouvir mais, para qualificar a minha mediação de leitura

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas Entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo, Pulo do Gato, 2012, 1ª edição. Tradução: Alexandre Morales.

PETIT, Michèle. *A Arte de Ler – ou como resistir à adversidade*. São Paulo, 34, 2012, 2ª edição. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini.

_____. *Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo, 34, 2010, 2ª edição.
Tradução: Celina Olga de Souza.

PERISSÉ, Gabriel. *Literatura & Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006. 1ª edição.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *A Infância e o Livro*. Uma publicação do Instituto Ecofuturo, disponível neste link: <http://ecofuturo.org.br/a-infancia-e-o-livro>

REYES, Yolanda. *Ler e Brincar, Tecer, Cantar – Literatura, escrita e educação*. São Paulo, Pulo do Gato, 2012, 1ª edição. Tradução: Rodrigo Petronio.

TURCI, Fabiana (Org.). *História Íntima da Leitura*. São Paulo, Vagamundo, 2012, 1ª edição.

Passaporte pra Qualquer Lugar do Mundo. Uma publicação do Instituto Ecofuturo, disponível neste link: <http://ecofuturo.org.br/passaporte-pra-qualquer-lugar-do-mundo>

Pra que Serve a Literatura? Uma publicação do Instituto Ecofuturo com vários autores, disponível neste link: <http://ecofuturo.org.br/praque-serve-a-literatura>

Roteiro de Leitura Pública. Uma publicação do Instituto Ecofuturo, disponível neste link: <http://ecofuturo.org.br/roteiro-de-leitura-publica>

Quero trabalhar mais com poesia, me apropriar mais do ritmo e da música do texto poético

BERALDO, Olga. *Trabalhando com Poesia*, Vol. 2. São Paulo, Ática, 1999, 3ª edição.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é Difícil*. São Paulo, Biruta, 2012, 2ª edição.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. São Paulo, Cosac Naify, 2012, 1ª edição. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht.

REYES, Yolanda. *“Los cimientos de la casa imaginaria: poética y política em la primera infancia”*. Bogotá, 2009:

http://www.espantapajaros.com/articulos/ar_lec_12.php

..... *Mãe Poesia: Escritora colombiana Yolanda Reyes sustenta que a formação de leitores começa já no ventre materno.* Entrevista exclusiva ao Instituto Ecofuturo, em abril de 2012. Disponível em: <http://ecofuturo.org.br/mae-poesia>

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura.* São Paulo, Cosac Naify, 2017, 2ª edição. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich.

Quero explorar mais recursos que me ajudem a me apropriar da arte narrativa

GOLDIN, Daniel. *Os Livros e os Dias: divagações sobre a hospitalidade da leitura.* São Paulo, Pulo do Gato, 2012, 1ª edição. Tradução: Carmem Cacciaccaro.

MANGUEL, Alberto. *A Cidade das Palavras: as histórias que contamos para saber quem somos.* São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 1ª edição. Tradução: Samuel Titan Jr.

MARINHO, Jorge Miguel. *A Convite das Palavras: Ler, escrever e criar.* São Paulo, 2009, Biruta, 1ª edição.

RODARI, Gianni. *A Gramática da Fantasia.* São Paulo, Summus, 1982, 1ª edição. Tradução: Antonio Negrini.

Baú de Ideias para Escrever. Uma publicação do Instituto Ecofuturo, disponível neste link: <http://ecofuturo.org.br/bau-de-ideias-para-escrever>

Quero referências críticas para pensar os problemas da leitura na atualidade

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.* São Paulo, Ática, 2002, 6ª edição.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. *O Professor de Português e a Literatura – Relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino.* São Paulo, Alameda, 2013, 1ª edição.

PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura Fora da Caixa: O PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura.* São Paulo, UNESP, 2012, 1ª edição.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro, DIFEL, 2009, 1ª edição.
Tradução: Caio Meira.

Quero saber mais sobre o hábito de leitura no Brasil, para entender melhor o contexto do meu trabalho e fazer diagnósticos para os meus projetos

Leitura em Números – uma publicação do Instituto Ecofuturo, disponível neste link:
<http://ecofuturo.org.br/leitura-em-numeros>

Quero conhecer outros projetos de boas práticas de leitura em bibliotecas

Disponível neste link: <http://projetos.ecofuturo.org.br/pagina/bibliotecas-comunitarias>

EQUIPE INSTITUTO ECOFUTURO

Presidente

Daniel Feffer

Superintendente

Marcela de Macedo Porto Mello

Educação e Cultura

Christine Castilho Fontelles

Daniele Juaçaba

Vanessa de Jesus Espindola

Meio Ambiente

Paulo Groke

Michele Cristina Martins

Raquel Coutinho de Souza

Alexandre Oliveira da Silva

Cléia Marcia Ribeiro de Araújo

Marcos José Rodrigues do Prado

Roberto Francisco Ventura Lau

David de Almeida Santos

Fernando de Faria

Marcelo Lemes de Siqueira

Marcelo Rogério de Santana

Maurício Rodrigues Prado

Ricardo Silva de Souza

Conteúdos

Erika Hobo

Palmira Petrocelli Nascimento

Comunicação

Marina Franciulli Santos Xavier

Desenvolvimento Institucional

Rachel Barbosa Carneiro de Sousa

Conselho Diretor:

Daniel Feffer

David Feffer

Jorge Feffer

Antonio dos Santos Maciel Neto

Murilo César Lemos dos Santos Passos

Jacques Marcovitch

Claudio Thomaz Lobo Sonder



ecofuturo

ecofuturo

<http://www.ecofuturo.org.br/>